

Mulheres unidas e o lar: participação feminina no provimento doméstico e seus reflexos na dinâmica familiar¹

Carla Sabrina Favaro²

Resumo:

Nas últimas décadas as famílias brasileiras presenciam a entrada maciça das mulheres no mercado laboral. Esse fenômeno faz com que casais com dupla renda tenham uma relevância estatística considerável. Porém a maioria dos estudos ainda enfoca principalmente as diferenças de salários entre os sexos, mostrando os homens como os principais provedores. Não resta dúvida de que este é o padrão dos rendimentos familiares brasileiros. Entretanto, há outra parcela de casais brasileiros que deveria receber mais atenção, principalmente dos estudos quantitativos: os casais formados por mulheres que são as únicas ou principais provedoras financeiras. Segundo dados da Pnad de 2009, 13,47% das mulheres unidas pessoa de referência ou cônjuges eram as provedoras principais dos domicílios. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo o estudo da participação de mulheres unidas no provimento doméstico. De maneira específica, tenta-se entender se o fato de as mulheres unidas serem provedoras ou não alterou de alguma maneira o tempo gasto nos afazeres domésticos e a participação dos parceiros nesses afazeres. Para cumprir tais objetivos, a pesquisa foi realizada em duas etapas: uma, quantitativa, através da análise dos dados das PNADs de 2001 a 2009 para o Estado de São Paulo urbano, e outra, qualitativa, baseada em 42 entrevistas com mulheres unidas. Dessas, nove com não provedoras, 14 com provedoras complementares e 19 com provedoras principais, todas da Região Metropolitana de Campinas. Entre as mulheres que são provedoras principais há por mais que participar do mercado de trabalho seja importante para que elas adquiram independência quanto à administração do seu dinheiro, a sobrecarga de trabalho ainda é grande. Para elas, assumir parte principal ou o total do provimento doméstico se transforma em uma experiência negativa, pois tal situação desobriga os homens de assumirem suas responsabilidades familiares.

¹Trabalho apresentado no XX Encontro Nacional dos Estudos Populacionais, ABEP, e no VII Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Foz do Iguaçu, entre os dias 17 e 22 de outubro de 2016.

² Doutora em Demografia pelo IFCH/Unicamp.

Mulheres unidas e o lar: participação feminina no provimento doméstico e seus reflexos na dinâmica familiar

Introdução:

Nos contextos das análises sobre as transformações que têm afetado as famílias brasileiras, este trabalho tem como objetivo analisar a organização doméstica dos domicílios de mulheres unidas provedoras e não provedoras, no que concerne à divisão sexual do trabalho em termos de trabalho doméstico e remunerado, a administração do orçamento doméstico e o cuidado dos filhos. Espera-se entender se a maneira como mulheres participam do provimento doméstico influencia ou não a dinâmica familiar.

No Brasil, o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho tem feito com que casais com dupla renda ganhem relevância estatística considerável (MONTALI, 2006; MARRI e WAJNAMN, 2007; MELO, 2007). Com base nos dados da PNAD de 2009, em 65% das famílias com crianças até 14 anos, tanto a pessoa de referência do domicílio quanto o cônjuge estavam ocupados (GUIMARÃES, 2012).

Porém, a maioria dos estudos sobre o tema enfoca principalmente as diferenças de salários entre homens e mulheres, mostrando os homens como os principais provedores. Não resta dúvida de que este é o padrão do provimento doméstico no Brasil, seja porque os salários masculinos ainda são maiores do que os femininos, ou porque as mulheres geralmente trabalham menos horas do que os homens, ou ainda porque parcela delas está fora do mercado de trabalho. Entretanto, há outra parcela de casais brasileiros que deveria receber mais atenção analítica: os casais formados por mulheres que são as únicas ou as principais provedoras financeiras.

Julga-se muito importante analisar esse tipo de arranjo para o provimento doméstico – que foge ao tradicional – justamente para tentar entender o que está por trás de tal fenômeno: relações de gênero mais igualitárias, nas quais as mulheres podem ter maior poder decisão no interior dos domicílios, por possuírem maior renda; ou relações de gênero ainda tradicionais com as mulheres mais sobrecarregadas com a geração de renda? Resta entender como casais que possuem as mulheres como provedoras principais negociam o cotidiano familiar.

Para o caso brasileiro, um importante estudo sobre o tema foi desenvolvido por Marri e Wajnman (2007). As autoras utilizaram dados da PNAD de 2004 para as áreas urbanas e procuraram traçar os perfis demográficos e sociocupacionais dos casais cuja mulher é a provedora principal. Entende-se que conhecer melhor esse perfil de trabalhadoras é importante

porque se trata de contextos que subvertem o estereótipo segundo o qual cabe aos homens a responsabilidade financeira pelas famílias, enquanto as mulheres podem, quando muito, “auxiliá-los” nessa tarefa. Por outro lado, há também consideráveis evidências na bibliografia consultada, mostrando que enquanto as mulheres avançam no mercado de trabalho, o mesmo não acontece com os homens nos afazeres domésticos. Por mais que se espere que o fato das mulheres que recebem mais do que seus maridos/companheiros possam desenvolver no interior das famílias maior poder de decisão, as ideologias legitimadoras das desigualdades de gênero entre homens e mulheres ainda persistem. Possuir renda maior que a do marido/companheiro pode não ser uma garantia às mulheres de redução na jornada.

No caso das mulheres unidas que são provedoras, um dos pontos de maior dificuldade da organização cotidiana é a articulação entre o trabalho remunerado e os afazeres domésticos. Há uma vasta literatura que analisa esse tema e que já foi discutida anteriormente, mostrando todas as dificuldades que as mulheres podem enfrentar nesses contextos. Nas palavras de Lister (2000), o comprometimento das mulheres com o trabalho não pago na esfera doméstica

(...) pode limitar o tempo em que as mulheres estão disponíveis para se comprometer com o trabalho remunerado e as responsabilidades que podem assumir. Ao mesmo tempo, a posição de mulheres e homens no mercado de trabalho alimenta de volta a posição delas na família. A lógica econômica gerada pelo mercado de trabalho desigual encoraja uma divisão tradicional do trabalho doméstico. Recompensas econômicas diferentes pela participação no mercado de trabalho podem se transformar em poderes diferentes dentro da própria família³ (LISTER, 2000, p. 27).

É possível concluir, portanto que, por mais que tenha sido constatado que o trabalho remunerado mudou, em certa medida, a maneira como as mulheres unidas se inserem na sociedade e constroem suas identidades, o trabalho não remunerado na esfera doméstica ainda constitui parte muito importante nas suas vidas, principalmente porque elas são as principais responsáveis não só pela execução dos afazeres domésticos, mas, também, pela administração dos recursos financeiros direcionados para as famílias, em alguns casos.

O conjunto de mulheres unidas entrevistadas para este trabalho não foge a essa regra, sendo provedoras ou não. Contudo, há algumas especificidades que estão fortemente atreladas à forma como essas mulheres participam do provimento doméstico. É possível afirmar que a organização doméstica está baseada fundamentalmente no trinômio: a administração do dinheiro, o cuidado dos filhos e os chamados serviços domésticos (limpeza da casa, lavar e passar as roupas e o preparo dos alimentos).

³ Tradução nossa.

Método:

Como já dito anteriormente, o principal objetivo do trabalho é investigar organização doméstica dos domicílios de mulheres unidas provedoras e não provedoras, no que concerne à divisão sexual do trabalho em termos de trabalho doméstico e remunerado. Para a captação de dados, entre os meses de fevereiro de 2011 e julho de 2012 foram realizadas 42 entrevistas com mulheres unidas na Região Metropolitana de Campinas. Um roteiro de apoio foi elaborado para auxiliar o andamento das entrevistas e todas elas foram gravadas com o consentimento das entrevistadas e posteriormente transcritas.

O recorte principal quanto à seleção das entrevistadas era que as mulheres fossem unidas e que de preferência tivessem filhos e rendimentos relativamente baixos, em torno do salário mínimo. A partir daí, procurei selecionar as entrevistadas segundo os critérios já apresentados: não provedoras, provedoras complementares e principais. Foram realizadas 19 entrevistas com mulheres provedoras principais, 14 com provedoras complementares e nove com não provedoras.

Perfil das mulheres entrevistadas

As entrevistas reuniram um conjunto bastante diversificado de provedoras e não provedoras. A faixa etária das entrevistadas varia entre os 23 e 64 anos. Essa grande variedade de idades se mostrou bastante interessante porque abarca mulheres de gerações diferentes que pensam sua inserção no provimento doméstico também de maneiras diferentes. Como optei por deixar a cor/raça ser autodeclarada, observa-se que há morenas, brancas, pardas, negras, pretas e amarelas, mas com predominância de brancas (14).

Não foi entrevistada nenhuma mulher analfabeta. O grupo é formado por mulheres que tem ensino fundamental completo ou incompleto, ensino médio completo e incompleto e superior completo. Há predominância de mulheres unidas com ensino fundamental completo. Aqui também nota-se que há grande variedade na escolaridade de mulheres provedoras e não provedoras, mesmo com as duas mulheres que possuem ensino superior sendo provedoras principais. A maioria das entrevistadas é católica (22), seguidas pelas evangélicas (15). Porém, há considerável variedade de igrejas evangélicas frequentadas.

Das mulheres que trabalham, grande parte delas exerce profissões comumente associadas às mulheres, como os serviços de limpeza (11 mulheres) e os de comércio e serviços (14). As provedoras principais são as que possuem os maiores rendimentos,

variando de R\$ 545,00 a R\$ 2.500,00, já os rendimentos das complementares variam entre R\$ 100,00 e R\$ 800,00.

Em relação ao número de uniões, a maioria das mulheres (29) se casou uma vez e o máximo de uniões encontradas foi de três (quatro mulheres). Sobre o estado civil das mulheres, a maioria delas (24) é casada, porém, há também solteiras (13), desquitadas (duas), divorciadas (duas) e viúvas (uma). A idade da primeira união variou bastante, porém, 21 mulheres se casaram antes dos 20 anos, 18 entre os 20 e os 30, e somente três depois dos 30 anos. Há grande concentração de mulheres que se casaram bem jovens entre as não provedoras e elas também são mais velhas.

Os domicílios são compostos basicamente por casal e filhos, com predominância daqueles com três e quatro membros. Em dois casos, a mãe da provedora também mora no domicílio, em outros dois, os irmãos delas, e em outros três, os sobrinhos. Todas as entrevistadas trabalharam em algum momento de suas vidas, mesmo as não provedoras, e grande parte delas (26) começou antes dos 18 anos. Entre as mulheres provedoras, três possuem rendimentos de aposentadoria, o de todas as outras são provenientes do trabalho.

Resultados:

A administração do dinheiro

O modo como as entrevistadas organizam as despesas das famílias e a alocação dos recursos auferidos variou bastante no universo pesquisado. Há casos de não provedoras que administram todo o ganho dos maridos/companheiros, como também casos em que ter acesso à renda masculina é o grande desafio que essas mulheres enfrentam no dia a dia familiar.

O dinheiro nesses casos muitas vezes é usado como uma ferramenta de controle das mulheres. Como elas tem pouco acesso a ele, na visão dos maridos/companheiros, isso dificulta que elas ajam de maneira independente e fora do alcance e controle masculino.

Do outro lado dessa negociação constante do modo de administrar os rendimentos, há os casos de Rita e Mariana. As duas não provedoras possuem a mesma faixa etária, a primeira com 39 anos e a segunda com 36, e ambas declaram que estão desempregadas. O fato de estarem desempregadas não é um grande problema na vida dessas mulheres e de suas famílias, pois os rendimentos auferidos por seus maridos companheiros parecem ser suficientes para o sustento familiar. Porém, outro fator que também pode contar nesse

contexto é o controle quase que total que elas têm da renda dos maridos/companheiros e serem responsáveis por sua administração.

Ele ganha salário mínimo, não é muito, mas a gente consegue se virar.

Como vocês administram esse dinheiro? Ele me dá quando recebe.

Como assim? No segundo dia útil do mês, a gente vai ao banco e saca o dinheiro. E eu que fico com ele.

Com todo ele? Não, ele pega um pouco, uns R\$ 50,00 pra gastar nas coisinhas dele, mas o resto fica comigo, eu que cuido de tudo.

E como você se sente em relação a isso? É uma bênção. Ele é bom com dinheiro. Eu faço tudo, faço o dinheiro render, compro as nossas coisas e fica tudo bem. É bem melhor assim (Rita, 39, não provedora).

Como vocês administram o dinheiro? Ele ganha e eu gasto. Gasto na casa, com as despesas e as crianças. Eu que fico com o cartão do banco e vou gastando. Quando ele quer alguma coisa, eu falo quanto tem, ele vai lá e saca ou paga com o cartão e a gente vai controlando. Mas quem divide tudo aqui, sou eu.

E como você se sente com isso? Eu gosto bastante, porque sou eu quem cuida de tudo mesmo aqui dentro de casa, então é melhor assim. Ficar tendo que pedir dinheiro para homem é que não dá (Mariana, 36, não provedora).

As falas das não provedoras apresentadas acima mostram uma grande satisfação em poder administrar o orçamento familiar, já que elas organizam, também, todo o resto. Contudo, apesar dessa independência, há também outro lado. Essas mulheres cuidam de praticamente tudo relacionado à organização doméstica dos domicílios, enquanto os homens se responsabilizam pelo ganho da renda.

Nesses casos, parece não haver um entrosamento entre a tomada de decisões no que se refere aos rendimentos e ao cuidado da casa. As esferas em que homens e mulheres estão situados são completamente separadas, não havendo um compartilhamento das responsabilidades no interior das famílias. Essa autonomia das mulheres em poder administrar o orçamento doméstico, mesmo não sendo provedoras, viria acompanhada, então, de certo distanciamento dos homens dessa função.

Entre as mulheres provedoras complementares, a situação parece um pouco mais maleável, já que ter o próprio dinheiro é garantia de poder administrá-lo de maneira relativamente independente, mesmo quando toda a renda é alocada nas despesas familiares. Um ponto importante nesses contextos é a separação das despesas entre os casais.

Grande parte da renda das provedoras complementares é gasta com as compras de supermercado e vestuário delas, dos filhos e dos parceiros, enquanto que os homens se responsabilizam, via de regra, com os pagamentos das contas de aluguel, energia, água e telefone. Em alguns casos, principalmente naqueles entre os mais pobres, não há essa

divisão tão certa das despesas. Elas vão sendo pagas conforme a disponibilidade do casal no momento. Contudo, as informantes sempre enfatizam os gastos com alimentação como parte importante do seu orçamento.

No caso específico das provedoras principais, a administração do próprio dinheiro aparece muitas vezes como uma questão de orgulho. Já que são elas quem “sustentam” suas famílias, os maridos/companheiros permanecem às margens do processo de alocação dos recursos.

Eu me orgulho de ter meu trabalho, meu dinheiro e ajudar minha família. Então aqui em casa é assim, tudo é comigo. Ele não chega perto de nada quase e eu também não deixo, principalmente do dinheiro. Outro dia, disse para ele: ‘quando você ganhar o seu, aí você vem falar comigo’ (Kátia, 29, ambulante, provedora principal).

Esse “orgulho” e essa independência que as provedoras principais têm ao administrar seu dinheiro acaba isolando os homens da tomada de decisões nos domicílios, muito disso porque esses homens não teriam o mesmo comprometimento com as famílias como as mulheres (SARTI, 1996, FONSECA, 2004). Por outro lado, há também dúvidas sobre até que ponto a participação das mulheres no mercado de trabalho e no provimento resulta realmente em maior autonomia.

Baseada no fato de que não consegue usar pelo menos parte do dinheiro que ganha para si e de não ter um parceiro provedor, Rosângela questiona até que ponto é realmente independente:

Esse negócio de falar de independência feminina acho que é mais com mulher que pode usar o dinheiro que ganha só com ela, que não precisa sustentar casa, filho e marido, o que é pior. No meu caso, não sei se eu sou independente, porque meu dinheiro vai embora e até para eu conseguir comprar minha tinta do cabelo tenho de ficar fazendo conta. Isso é independência?

O que o trabalho significa na sua vida? Significa que se eu não trabalhasse, a gente passaria fome. Isso que significa. Isso é ser independente? Porque foi isso que aconteceu comigo, quando meu marido viu que eu ia botar comida na mesa, ele desencanou. Às vezes, eu fico pensando se não fui eu quem criou um vagabundo, se a culpa não é minha (...). Mas tem uma coisa que eu faço questão, se sou eu quem vai colocar comida na mesa, ninguém mexe no que é meu. O dinheiro é meu e eu quem gasto do jeito que achar melhor. Ali ninguém mexe não (Rosângela, 38, faxineira, provedora principal).

Como os rendimentos masculinos são escassos ou inexistentes, as provedoras principais acabam organizando o orçamento doméstico sem contar muito com o dinheiro dos companheiros. Como já foi salientado anteriormente, nesses casos, as grandes despesas ficam a cargo das mulheres e aos homens cabem pequenas compras ou o complemento da renda.

Por outro lado, há também falas tanto de provedoras complementares quanto de principais referentes aos diferentes usos que homens e mulheres fazem do dinheiro. No caso das principais, como o ganho dos maridos/companheiros é bem menor do que o delas, esse dinheiro muitas vezes acaba não entrando no orçamento doméstico. Já no caso das provedoras complementares, acontece o oposto. Elas possuem rendimentos menores do que os maridos/companheiros, porém, grande parte da renda delas é gasta com as despesas familiares.

Nota-se, principalmente nos casos das provedoras, que poder administrar o próprio dinheiro é fonte não só de independência e autonomia, mas também de segurança, principalmente quando não é possível contar com a renda masculina. Contudo, o outro lado dessa questão repousa no acúmulo de responsabilidades que essas mulheres têm na vida doméstica. Os rendimentos femininos nos contextos analisados não são um fenômeno novo e nem podem ser encarados como um auxílio, mesmo no caso das provedoras complementares.

A ocorrência do trabalho feminino questiona violentamente os estereótipos de gênero no interior da família e, por conseguinte, a divisão por sexo entre trabalho reprodutivo e trabalho remunerado. Mulheres e homens estão com dificuldades em lidar com estas mudanças. O “sistema de queixas” feminino atribui à sobrecarga doméstica que elas enfrentam à incapacidade masculina de prover a família e às características individuais do companheiro. Os homens, ante a maior capacidade feminina de prover a família, plenamente evidenciada e verbalizada pelas mulheres continuamente, recuam da responsabilidade do provimento, mas também não assumem a do cuidado doméstico. A mudança do modelo do provedor masculino não está ocorrendo sem custos emocionais e simbólicos muito altos para homens e mulheres.

Os afazeres domésticos e organização dos domicílios

A organização dos domicílios das mulheres unidas entrevistadas está baseada fundamentalmente nelas. São elas que delegam as tarefas e organizam as atividades, independentemente se são provedoras ou não. Nesses casos, as únicas diferenças dizem respeito às cargas de trabalho que as informantes possuem, e não às suas responsabilidades. Em nenhum dos domicílios visitados, as mulheres contavam com a ajuda de empregadas domésticas ou faxineiras. E somente nas visitas feitas aos finais de semanas foi possível perceber a interação das famílias, principalmente com parentes. Nesses casos, as mulheres unidas contam com o auxílio desses familiares ou de vizinhos

no cuidado das crianças ou no compartilhamento de informações sobre possibilidades de empregos, principalmente entre as que são faxineiras.

Em pelo menos cinco ocasiões as entrevistas foram realizadas aos domingos, sendo possível acompanhar o dia a dia das famílias. Em três desses domicílios, houve visitas (irmãs, irmãos, cunhados e sobrinhos das informantes) para o almoço e observou-se um mesmo padrão quanto aos lugares físicos que homens e mulheres ocupavam nas respectivas casas. O famoso jargão “lugar de mulher é na cozinha”, nesses casos, não se refere somente a uma frase machista que reduz as mulheres às funções domésticas. Tanto nas casas das provedoras principais Maria e Neusa quanto na casa da provedora complementar Cleide, enquanto as mulheres permaneciam na cozinha, os homens e as crianças ficavam na sala ou no quintal.

As mulheres ficavam nesse espaço porque estavam preparando a refeição. Contudo, não havia um entrosamento entre homens e mulheres, e a impressão passada era a de que havia uma barreira que impedia que assuntos em comum pudessem ser tratados. Mesmo na hora em que os alimentos estavam prontos, na casa de Cleide, onde não havia uma mesa sobre a qual as refeições fossem feitas, a separação continuou, homens almoçaram no quintal e mulheres na cozinha. E após as refeições, toda a limpeza ficou sob responsabilidade das mulheres.

Quanto à realização dos afazeres domésticos, são as mulheres não provedoras que relatam despender mais tempo nessas atividades. Tal fato não é estranho quando se leva em consideração que elas não participam do mercado de trabalho. Por outro lado, são essas informantes também que declaram a menor participação dos parceiros nas tarefas domésticas. Nesse grupo, foram obtidos poucos relatos de conflitos e tensões quanto a um maior compartilhamento das atividades. Como os maridos/companheiros exercem uma atividade remunerada e as entrevistadas são donas de casa ou estão desempregadas, não é esperado e requerido que os homens compartilhem as tarefas domésticas. Entretanto, apesar de todas as justificativas para a não participação masculina girarem em torno do fato de os homens serem os provedores e as mulheres as donas de casa, há algumas especificidades nos relatos.

Aqui em casa ele não faz nada praticamente. No final de semana, de vez em quando ele lava o quintal para mim e brinca com o menino. Agora, serviço da casa, ele não faz não.

Por quê?

Por que eu fico em casa e ele trabalha. Então, eu quem faço tudo mesmo (Tânia, 24, desempregada, não provedora).

Quando ele morava com a mãe dele e ela trabalhava o dia todo, ele fazia de tudo. Lavava banheiro, deixava a cozinha limpa, fazia a comida dele.

Mas era porque a mãe trabalhava. Depois que a gente casou, aí ficou tudo por minha conta, porque eu fico mais em casa. Então ele faz mais as coisas no final de semana. Quando ele vê que eu estou meio atropelada, ela me ajuda a lavar o chão, arrumar as camas. Essas coisas. E a filha, né? Ela é louca por ele. Então, final de semana os dois ficam grudados (Juliana, 34, desempregada, não provedora).

Já Cláudia justifica a não participação do parceiro nos afazeres domésticos por conta da incapacidade dele em realizar esse tipo de atividade por ser homem. Aqui, nota-se que se reproduz o estereótipo de gênero, segundo o qual as tarefas domésticas não seriam para os homens.

Eu sou a dona da casa, então, eu quem faço tudo. Seria até estranho comigo aqui.

Por quê? Ah, sei lá. Ele é homem, não sabe fazer essas coisas. As coisas da casa ficam por minha conta mesmo (Cláudia, 64, dona de casa, não provedora).

Como é possível perceber nesses casos, a dinâmica familiar está fortemente baseada na ideia do homem provedor e da mulher dona de casa. Por mais que haja relatos de mulheres que gostariam de continuar trabalhando ou estão à procura de emprego, isso não parece ter influência na organização doméstica desses domicílios.

Já no caso das mulheres provedoras, ter que articular o trabalho remunerado com o doméstico constitui a principal dificuldade do seu dia a dia. Contudo, há poucos questionamentos quanto à “obrigatoriedade” dessa articulação. Por mais que as mulheres esperem ou desejem que os maridos/companheiros compartilhem de maneira mais sistemática a realização dos afazeres domésticos, elas também acreditam ser obrigação feminina o cuidado da casa, como também acreditam ser obrigação dos homens ser a principal fonte de rendimento domiciliar.

Nesse sentido, as representações que as informantes têm sobre os supostos “papéis” que homens e mulheres unidos têm de desempenhar na vida social ainda são muito rígidas. Como argumentam Araújo e Scalon (2005, p. 59), haveria “maiores expectativas de compartilhamento da convivência do que propriamente uma cultura de compartilhamento”.

Os depoimentos de Marlene e Valquíria são completamente opostos no sentido de mostrar as percepções que essas mulheres têm sobre sua participação na família. A segunda assume uma posição completamente diferente da primeira, como também acha bastante óbvia a pergunta sobre quem era o responsável por seu domicílio:

Quem é o responsável pela sua família, Valquíria? Ué, depois de tudo o que eu te falei, você ainda me pergunta isso? Sou eu, claro. Eu

quem faço tudo, eu quem boto ordem em tudo, sou eu. Eu sou a responsável aqui, tanto que quando tem que decidir alguma coisa, eu quem dou a palavra final (Valquíria, 35, auxiliar de limpeza, provedora principal).

No caso de Valquíria, há outra percepção sobre as relações estabelecidas entre ela e o parceiro. Mesmo ainda valorizando a ideia do homem provedor, todo o discurso dessa informante gira em torno de destacar sua *performance* como grande responsável pelo domicílio e também de valorizar esse aspecto de sua vida. Dar a palavra final em todas as decisões familiares indica tomada de *poder* no interior de sua família - que também aparece no discurso de outras provedoras principais – mas que aqui é explicitado de maneira oposta ao de Marlene.

O discurso dessa última informante ilustra de maneira contundente que ser a provedora principal e cuidar de todos os detalhes da vida doméstica podem não atribuir a ela uma capacidade de se enxergar como a grande responsável pela sua família. Nesse caso, a presença masculina ainda tem peso na atribuição de quem é designado o responsável pelo domicílio.

Quem é o responsável pela sua família, Marlene? Como assim responsável?

Responde-me de acordo com que o entende por responsável. Ah, eu acho que é ele, ele quem é o homem da casa. Então ainda é ele.

E o que você seria? Eu seria a mulher dele. Eu também sou responsável. Eu quem coloco o dinheiro dentro de casa, quem faço tudo, mas ele ainda está aqui, então, ele é o chefe (Marlene, 54, faxineira, provedora principal).

Como destaca Oliveira (2005), o descompasso existente entre as práticas e as representações de homens e mulheres não permite que mulheres unidas provedoras dividam com seus cônjuges a posição de prestígio social conferida pela função de provedor. Nesses casos, por mais que a inserção no mercado de trabalho possa resultar em satisfação pessoal e autonomia, ela sempre vem acompanhada não somente do trabalho reprodutivo que ainda é responsabilidade delas, mas também de tensões, conflitos e ressentimentos entre o que as provedoras esperam que os maridos/companheiros façam no cotidiano familiar e o que eles realmente fazem. Como já salientado, ser provedora principal para as mulheres unidas segue sendo desfavorável. Desse modo, o fato de haver uma constante reiteração de que é obrigação dos homens ganhar dinheiro pode ser interpretado também como uma tentativa de melhorar as condições de vida (PICANÇO, 2005).

Não é fácil não. A gente sofre muito com isso. Tudo bem que ele tem os problemas de saúde dele, mas mesmo assim. Tem muita coisa para

fazer, muito serviço aí precisando de gente. Não custaria nada ele ir dar uma olhada, sair um pouco de casa. Mas não vai e a gente continua nessa vidinha ruim que a gente leva. Não trabalha, mas também não me dá sossego. Não lava um copo se eu não ficar em cima. É assim (Cristina, 42, professora, provedora principal).

Tanto entre as provedoras complementares como entre as principais, toda a dinâmica familiar gira em torno das mulheres, contudo, há algumas diferenças significativas entre elas quanto à organização doméstica, já que as provedoras principais conseguem fazer com que seus parceiros participem mais das atividades domiciliares.

Porém, uma coisa não muda. Há vários relatos sobre as dificuldades que as mulheres encontram em fazer com que os maridos/companheiros compartilhem as tarefas domésticas com elas. Na verdade, parece que a palavra “compartilhar” não faz muito sentido nesses contextos e nunca foi empregada por nenhuma das informantes. Elas sempre se referem às atividades domésticas realizadas pelos maridos/companheiros como ajuda ou auxílio. O que eles fariam seria um complemento às atividades delas.

Por outro lado, foi somente entre as provedoras complementares que a faixa etária parece influenciar nas representações quanto à necessidade de maior participação dos homens nas atividades domésticas. Entre as provedoras principais, tal fato também ocorreu, porém muito mais devido às necessidades familiares e ao “papel” que os homens deveriam assumir na dinâmica familiar, do que propriamente a uma mudança na visão das informantes.

No caso das provedoras complementares Amanda, 30 anos e Milena, 33, há questionamentos sobre o porquê elas deveriam realizar sozinhas os afazeres domésticos depois de um dia de trabalho e os maridos/companheiros não. Contudo, diferente dos outros relatos, os delas fogem da premissa de que realizar os afazeres domésticos seria uma condição por ser mulher.

Eu estava conversando sobre isso outro dia com ele. Por que eu não posso chegar, tomar banho e ir para a frente da TV? Por que só ele pode fazer isso e eu tenho que ir atrás de fazer todo o serviço? Eu não acho isso justo não. Eu tenho os mesmos direitos que ele. Eu posso ganhar menos, mas a gente sai de casa juntos de manhã e volta praticamente juntos à tarde (Amanda, 30, caixa de supermercado, provedora complementar).

Eu já falei para ele e a gente briga sempre por causa disso, eu não sou empregada dele, se ele quer as coisas, ele levanta e pega. Mas sabe o que é isso? É a mãe dele. Ela criou ele assim, agora sobra para mim tentar endireitar.

E está dando certo? Aos trancos e barrancos está. Mas, por exemplo, ele já levanta da mesa e tira o prato dele, limpa a mesa para mim, o que antes ele não fazia. Então, aos poucos, ele foi mudando, mas foi porque eu fui colocando isso na cabeça dele. Esse negócio de mulher achar que

tem de fazer tudo para o marido já foi. Agora todo mundo trabalha, todo mundo tem de fazer o seu (Milena, 33, vendedora, provedora complementar).

Como é possível concluir diante desses relatos, parte das mulheres provedoras complementares esperava que os maridos/companheiros realizassem grandes parcelas das tarefas domésticas. Porém, realizar os afazeres domésticos, nesses casos, seria também uma demonstração de respeito e cuidado dos homens em relação às suas parceiras.

Já entre as provedoras principais, em meio a grandes doses de tensão e conflitos, os afazeres domésticos são feitos. Nesses casos, as informantes são menos pacientes com seus companheiros. Contudo, as provedoras principais também utilizam outras estratégias, além das brigas e discussões para fazerem com que seus parceiros realizem os trabalhos domésticos.

Um dos pontos comumente levantado pelas informantes e encontrado na literatura sobre o tema (BRUSCHINI, 2008) diz respeito a como as mulheres unidas encaram a realização dos afazeres domésticos por elas e pelos homens. Enquanto que do lado delas há a ideia de obrigatoriedade quanto à execução desse tipo de trabalho, do lado masculino repousa a ideia de certa inabilidade a esse tipo de atividade. Por mais que eles tentem e sejam pressionados, nunca conseguirão executar os afazeres domésticos da maneira idealizada pelas mulheres.

O fato de as informantes conseguirem fazer com que seus maridos/companheiros realizem parte dos afazeres domésticos não encerra os problemas. Elas supervisionam grande parte das atividades desempenhadas por eles. Nesses casos, mesmo que não realizem os afazeres domésticos, as entrevistadas continuam responsáveis por essas atividades, seja porque os parceiros não executam as tarefas do jeito correto, seja porque não executam do jeito que as informantes querem.

Aos olhos dessas informantes, há uma desnaturalização dos afazeres doméstico no universo masculino. Como os homens não nasceram para esse tipo de atividade, eles teriam mais dificuldade para sua execução. No caso das provedoras principais, o incômodo seria duplo: do mesmo jeito que não é “natural” uma mulher ser provedora principal, também não é “natural” um homem realizar trabalho doméstico, por mais que seja desejado e exigido deles. Contudo, essa suposta troca de papéis entre homens e mulheres é realizada de forma mais prática entre as mulheres – porém, ainda bastante conflituosa - do que entre os homens. É dessa tensão que surgem parte considerável dos problemas entre os casais.

Ele é até engraçado, eu fico implorando para ele fazer as coisas, me ajudar com tudo e é aquela enrolação sempre. Daí, quando se mete a

fazer alguma coisinha de diferente, tipo estender a roupa para mim ou passar uma vassoura na casa fica um tempão se vangloriando, falando como ele é bom para mim, como ele é isso, é aquilo. É assim, ele só esquece que enquanto ele faz essa coisinha, eu faço todo o resto e não fico falando nada pra ninguém (Carla, 23, babá, provedora complementar).

Quando ele começou a ficar aí, ele começou a ajudar na casa, varria, passava pano, tirava o pó dos móveis e lavava a louça, ajudava bastante. Ajuda até hoje. Mas só que é assim, isso tudo é quando estamos só nós aqui. Quando tem alguém de fora, minhas cunhadas, meus irmãos, minha irmã, mas nunca que ele chega perto da pia ou da vassoura! Ele morre de vergonha de alguém ver ele fazendo serviço de casa.

E o que você acha disso? Eu acho engraçado! Não deve ser fácil pra um homem daquele tamanho fazer serviço de mulher. Quando ele se machucou⁴, não ajudava mais na (construção da) casa e eu queria minha casa pelo menos com laje. Quando eu tinha folga, eu ia lá e ia bater laje. Comigo não tinha dessa, serviço de homem e serviço de mulher. Eu queria minha casa com laje e fui lá e ajudei a colocar laje na minha casa. É isso para mim, serviço é serviço. Mas vai fazer o quê, cada um pensa de um jeito. Mas pelo menos ele ajuda, isso já está bom (Suely, 43, auxiliar de limpeza, provedora principal).

Conclui-se, portanto, que há uma diferença fundamental entre homens e mulheres nesses contextos. Parece haver muito mais disposição das mulheres em romper as barreiras do provimento que antes eram de responsabilidade dos homens, do que dos homens em avançar nos afazeres domésticos. Nesses casos, as tarefas domésticas ainda são vistas como uma atividade importante, porém, de menor valor. Conforme o senso comum advoga, espera-se que as mulheres nasçam “predispostas” a desempenhar esse tipo de atividade, já para os homens, aprendê-la seria um rebaixamento da sua condição masculina. Ao realizar trabalho doméstico, eles estariam se aproximando de uma atividade que não é de responsabilidade deles, mas sim das mulheres.

Por outro lado, segundo os relatos, parece haver maior carga de trabalho total entre as provedoras complementares do que entre as principais. Essas últimas relatam bem mais problemas com seus companheiros que não sustentam a família e não colaboram nos afazeres domésticos como elas acham que deveriam. Porém, por mais que seja menos do que o desejado pelas mulheres, os maridos/companheiros das provedoras principais ainda realizam mais afazeres domésticos do que os maridos das complementares. Essas últimas contam bem menos com o auxílio dos companheiros, mas também se queixam menos e aparentam menor ressentimento em relação ao “papel” que os maridos desempenham nos domicílios em comparação às provedoras principais. As provedoras complementares continuam trabalhando muito, se queixando muito disso e da ausência dos homens nos

⁴ O marido de Suely caiu do telhado quando ajudava na construção da casa do casal e, por causa de uma lesão nas costas, parou de trabalhar.

afazeres domésticos, porém, enquanto o projeto de família ainda está funcionando, os ressentimentos encontrados nos discursos das provedoras principais têm menos espaço entre as provedoras complementares.

Os problemas quanto à articulação do trabalho remunerado e as atividades domésticas existem nos dois grupos de mulheres, contudo, entre as principais, tais problemas se somam às magoas sentidas pela menor ou nenhuma participação masculina no provimento doméstico.

Segundo afirma Sorj (2005) - através da análise de dados de um survey nacional realizado com homens e mulheres, maiores de 18 anos, em 2004 - quase metade dos homens e mulheres entrevistados acreditam que o “trabalho do homem é ganhar dinheiro e o da mulher é cuidar da casa e da família”. Por outro lado, 92,4% dos homens e 93,6% das mulheres também consideram que ambos os sexos devem contribuir para a renda familiar. Em contrapartida, as proporções para o trabalho doméstico caem drasticamente. Os relatos dos informantes dessa pesquisa também evidenciam esse jogo bastante contraditório entre as representações e as práticas da inserção feminina no mercado de trabalho e a realização das tarefas domésticas. Espera-se que as mulheres participem do mercado de trabalho, mas também que eles cumpram suas “obrigações” no interior das famílias. Nas palavras de Picanço (2005):

O que parece estar em desgaste é a imagem do homem como provedor, marcada pela oposição com a imagem das mulheres reduzidas aos afazeres domésticos. A rejeição não se refere aos valores do feminino vinculado ao mundo doméstico e do masculino ao mundo público e sim, às representações do feminino e do masculino a partir de imagens estanques, opostas e excludentes (PICANÇO, 2005, p. 163).

Os estereótipos de gênero também são reproduzidos nas falas dos homens. No caso de Jorge, quando afirma que a presença da mãe é essencial na criação e cuidado dos filhos, embora ele esteja presente; e, também, na fala de Ademir, que enfatiza que o “certo” seria que as mulheres ficassem cuidando das famílias, enquanto os homens provessem o sustento. Nesses casos, porém, parece haver outro aspecto já analisado pela literatura sobre o tema. De acordo com Bilac (1983), além do chamado “acordo básico do casamento”, no qual o homem cuida do provimento e a mulher da casa e dos filhos, o trabalho doméstico, para os homens, não seria considerado trabalho, na definição da palavra. Daí residiria uma das grandes dificuldades de se romper esse acordo básico.

No momento em que o discurso desses homens foi registrado, as mulheres estavam presentes, e nenhuma objeção à fala deles foi feita. Porém, outros fragmentos dos discursos delas mostram que, do seu ponto de vista, a participação ou não das mulheres no mercado de trabalho se configura de maneira bem mais complexa, pois

envolve uma parte da vida social que para os homens não tem tanta importância quando se fala da sua inserção no mercado de trabalho: a realização dos afazeres domésticos e cuidado com os filhos.

O que parece ficar claro nos discursos dos casais entrevistados, é uma suposta invisibilidade dos afazeres domésticos para os homens, por um lado, e a constante lembrança de que ele existe por parte das mulheres, de outro. E apesar dessa tensão, o avanço dos homens unidos na esfera reprodutiva ainda caminha de maneira bem lenta. Nesse ponto, os depoimentos de provedoras complementares e principais são bastante informativos:

Principalmente no caso das mulheres provedoras, não parece haver consenso e mesmo trégua quanto às expectativas e o que realmente acontece em suas negociações em relação à execução das tarefas domésticas com os parceiros. Talvez seja possível concluir que a mudança de visão dos homens sobre a entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho seja mais devido às pressões econômicas do que resultado de mudanças nas representações que eles possuem sobre as práticas femininas e masculinas nos interior da família.

Contudo, quando esses homens permanecem em casa, eles podem compartilhar uma atividade muito importante para as mulheres: o cuidado dos filhos.

A centralidade dos filhos nos contextos analisados parece ser tão considerável que, segundo Araújo e Scalón (2005), os casamentos atuais seriam baseados em uma maior individuação e busca por afeto por parte de homens e mulheres. Entretanto, quando os filhos nascem, essa individuação se dissiparia. Nesses casos, o exercício da maternidade, mais do que a paternidade, se torna central na vida doméstica, fazendo com que a ideia do homem provedor e da mulher dona de casa ainda seja muito aceita.

Por outro lado, é no cuidado dos filhos que há maior participação dos homens. Seja nos cuidados com a limpeza e alimentação, seja passando o tempo com os filhos, são nesses contextos que as mulheres relatam maior participação masculina.

Nesses casos, tal como mostram Araújo e Scalón (2005), parece ser mais exigido das filhas do que dos filhos a participação nos afazeres domésticos. Enquanto, para elas, essa participação pode ser obrigatória, para os meninos, parece ser mais voluntária.

Por outro lado, há também certa preocupação por parte das provedoras principais quanto ao futuro dos filhos homens. Como os pais não são “exemplos” para as crianças, já que não são provedores, as mães se encarregam de mostrar aos filhos que o comportamento paterno não é o ideal, principalmente no caso dos homens que são desempregados estruturais.

A não participação dos homens no provimento doméstico de maneira substancial é tão problemática e cheia de decepções que por mais que mulheres insistam em viver nessas situações, por diversas razões, em que não cabem julgamentos, sua rejeição a esse tipo de vida é contundente e compartilhada com os filhos como uma lição de vida.

Considerações Finais:

Diante de todo o quadro desenhado até aqui, conclui-se que apesar de as entrevistadas serem as grandes cuidadoras das famílias, elas ainda querem ser “cuidadas” financeiramente pelos maridos/companheiros. Ser provedora principal nesses contextos aparece como sendo um grande peso, porque só as mulheres cuidam. Elas querem trabalhar, acham muito importante possuir renda própria, contudo, desde que possam compartilhar essa responsabilidade com os maridos/companheiros.

No conjunto dos relatos das provedoras principais foram encontrados diversos fragmentos de discurso com uma constatação que lhes é extremamente absurda: elas trabalham porque precisam e os maridos/companheiros não trabalham ou vivem de pequenos bicos porque podem contar com as rendas femininas na manutenção doméstica. Aos olhos dessas mulheres, esse tipo de situação é bastante absurda porque elas compartilham da ideia ainda muito presente no imaginário das famílias brasileiras de que o homem precisa ser o provedor. A ideia do provedor único parece não fazer mais parte do ideário dessas mulheres, porém, a do homem provedor é fundamental. E a impossibilidade de concretizar esse ideal é fonte constante de mágoas, ressentimentos e discussões entre os casais.

Homens e mulheres unidos seguem um mesmo padrão entre a participação no provimento doméstico (que depende do trabalho remunerado) e a realização de trabalho doméstico, ou seja, na articulação dessas duas modalidades de trabalho. Entre as mulheres unidas, são as não provedoras que gastam mais horas nesses afazeres e as provedoras principais as que gastam menos. Os homens seguem a mesma tendência. Esses dados mostram, portanto, que a participação no provimento influencia a maneira como é feita a articulação entre trabalho remunerado e não remunerado. São os homens e as mulheres não provedores que gastam mais tempo nesse tipo de atividade.

Por outro lado, os dados qualitativos mostraram que há enorme insistência ou desejo por parte das informantes para que seus maridos/companheiros voltem a ter uma ocupação. Como elas estão em trabalhos relativamente estáveis, é esperado que os homens também consigam permanecer ocupados. No imaginário delas, parece não haver

a percepção de que a não permanência dos homens no mercado de trabalho pode ser resultado de outros fatores, que fogem ao controle deles, como a incapacidade do Estado em garantir ofertas de empregos. Há várias hipóteses para que esses homens não estejam inseridos no mercado de maneira satisfatória que podem envolver fatores como o desemprego por desalento, o subemprego, ou as baixas qualificações, por exemplo.

Entretanto, para as mulheres entrevistadas, a questão é totalmente individual, e envolve apenas desejos e aspirações: os maridos/companheiros não trabalham porque não querem. As informantes parecem viver em um círculo vicioso no qual o fato de elas serem provedoras principais faz com que os maridos/companheiros se comprometam menos com as famílias, e, se elas não o fossem, a situação seria ainda pior.

Quanto à organização doméstica dos domicílios analisados, foi possível constatar que as mulheres são as grandes responsáveis por toda essa organização. Todas as decisões passam por elas, sejam grandes ou pequenas, e a realização das tarefas domésticas, cuidado dos filhos e administração do dinheiro são os principais elementos da dinâmica familiar.

A administração do dinheiro foi um ponto bastante recorrente do discurso das provedoras. A máxima “eu ganho, eu decido” é levada muito a sério por elas. Os rendimentos que conseguem são de sua responsabilidade, mesmo quando grande parte do dinheiro é gasto nas despesas domésticas. Esse é outro ponto recorrente do discurso feminino, enquanto grande parte de sua renda é direcionada para as famílias, o mesmo não acontece com os homens. O discurso das informantes é todo permeado pela constatação de que elas se dedicam muito mais às famílias do que os maridos/companheiros.

Entre as provedoras há todo um descompasso entre suas representações e práticas principalmente em relação às obrigações dos maridos/companheiros. O entrelaçamento entre os mundos do trabalho e o da casa já é um fato para elas, o grande problema é a articulação. Essas mulheres possuem uma carga de trabalho muito grande, por isso, “conciliar” o trabalho remunerado e o doméstico se transforma não só em um desafio, mas também em fonte de tensão quando os maridos/companheiros são envolvidos.

Os conflitos se dão principalmente porque as provedoras esperam uma contrapartida masculina na articulação entre o trabalho remunerado e não remunerado. Elas ainda encaram os afazeres domésticos como uma obrigação feminina, mas já não aceitam assumi-los totalmente. Como também trabalham, esperam que os maridos participem mais das tarefas. Haveria uma tensão maior nos casos em que os parceiros possuem mais tempo livre devido ao desemprego ou subemprego.

As mulheres se responsabilizam não só pela execução dos afazeres domésticos, como também da fiscalização quando conseguem delegar esse tipo de tarefas. Portanto, há pouco tempo disponível para descanso. Além da pouca disposição, os homens tem pouca independência para a realização das tarefas. A suposta inabilidade deles para a execução desse tipo de atividade teria não só a ver com a conformação das relações de gênero, como também com a não valorização do trabalho doméstico.

No universo feminino, as barreiras são quebradas de maneira mais intensa. As mulheres avançaram no mercado de trabalho, universo inicialmente masculino. A partir daí, adquiriram um maior *empoderamento* nas suas relações familiares e conjugais. Entretanto, ainda esbarram na impossibilidade de compartilhar as responsabilidades do trabalho reprodutivo e do cuidado da família.

As provedoras entrevistadas estão cada vez mais críticas a pouca participação dos parceiros nos afazeres domésticos, e talvez o fator idade seja importante para essa reavaliação. Entretanto, elas ainda encontram resistência masculina em reavaliar também a participação deles no mundo reprodutivo, de um lado. Do outro, elas têm exigido de maneira bem intensa maior participação dos homens na esfera doméstica. A vida cotidiana dessas mulheres e seus companheiros é um cabo de guerra interminável com grandes ganhos e perdas emocionais para os dois lados. O avanço na vida pública foi uma grande conquista, porém, é no mundo privado que ainda estão os grandes desafios da vida dessas mulheres unidas.

Bibliografia consultada:

BILAC, E. D. **Famílias Trabalhadoras: estratégias de sobrevivência**. São Paulo/SP: Símbolo, 1978.

_____. **Família e trabalho feminino: a ideologia e as práticas familiares de um grupo de “trabalhadores manuais” de uma cidade do interior paulista**. São Paulo: 1983 (Tese de Doutorado em Ciência Política) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FLECK, A. C., WAGNER, A. “A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar”. In **Psicologia em Estudo**, Maringá: vol. 8, 2003.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2004.

GUIMARÃES, J. R. S. **Perfil do trabalho decente no Brasil: um olhar sobre as Unidades da Federação**. Brasília: OIT, 2012.

MARRI, I. G.; WAJNMAN, S. “Esposas como principais provedoras de renda familiar”. In **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo: vol. 24, nº 1, 2007.

- MELO, F. L. B. “Casais na Grande São Paulo”. In **Nova Economia**. Belo Horizonte/MG: 2007.
- MONTALI, L. “Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego”. In **Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu\MG, ABEP: 2006. CD-ROM.
- SALÉM, T. “Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista”. **Mana**, Rio de Janeiro, v.2, n.12, 1981.
- SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 1996.
- TAGLIAMENTO, G. **Com a palavra, o prover: uma análise das masculinidades produzidas em contextos familiares nos quais a mãe é a provedora**. Florianópolis: 2007 (Dissertação de Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina.
- VAITSMAN, J. “Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda”. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.5, n.2, 1997.
- ZALUAR, A. **A Máquina e a revolta**. São Paulo/SP: Brasiliense: 2001.